DEGRADAÇÃO FAMILIAR: UMA ANÁLISE DAS OBRAS "DOIS IRMÃOS" E CINZAS DO NORTE" DE MILTON HATOUM[1]

Ilana Bárbara dos Santos Mendonça[2]
Edimildo de Jesus Barroso Passos[3]

RESUMO: É a partir da perspectiva "familiar" que este trabalho propõe o desenvolvimento de um estudo das obras *Cinzas do Norte* (2005) e *Dois Irmãos (2000)* do escritor Milton Hatoum. Sob o viés da representação ficcional referente aos conflitos familiares ocorridos no seio de uma família amazonense, mais precisamente em Manaus. É esse o espaço que se encontra fortemente contextualizado nas referidas narrativas por meio do envolvimento representativo de suas personagens. É no decorrer da trama dos romances que percebemos como se entrelaçam os elementos do contexto na estrutura interna da obra com a realidade em questão, um enfoque que se justifica não só pela natureza da peça de estudo, mas também por se tratar de uma obra literária fortemente atada ao contexto literário atual. Esse aspecto a torna um excelente tema para uma discussão, pois trata-se de fatores presentes em nosso cotidiano familiar, com subsídios que nos levam a reflexões: amor, afeto, sangue, amizade, sonhos, traições dentre outros fatores. Neste estudo, apesar de o enfoque principal ser a degradação familiar, presente nas referidas obras, acrescentamos um breve perfil sobre o autor e sua literatura. Em seguida, passamos a explanar a temática nas obras aqui mencionadas: primeiro em *Dois Irmãos* e, na sequência, *Cinzas do Norte*. Para uma melhor percepção da temática proposta, relatamos fatos e traçamos análises, embora não tão detalhadas, a respeito das personagens e suas ações nas obras. Nas considerações finais retomamos a temática e a contextualizamos com acontecimentos contemporâneos. Afinal, em determinados momentos da vida, ficção e realidade acabam se entrelaçando.

Palavras-chave: Literatura. Milton Hatoum. Degradação Familiar.

ABSTRACT: From the "familiar" perspective this work proposes the development of a study of the books Cinzas do Norte (2005) and Dois Irmãos (2000) by Milton Hatoum. Under a perspective of the fictional representation regarding family conflicts occurred within an Amazonian family, more precisely in Manaus. This is the space that is strongly contextualized in said narratives through the representative involvement of their characters. It is during the course of the novels that we realize how the elements of the context are interwoven in the internal structure of the work with the reality in question, an approach that is justified not only by the nature of the piece of study but also because it is a literary work strongly tied to the current literary context. This aspect makes it an excellent topic for a discussion, since it is about factors present in our daily family life, with subsidies that lead us to reflections: love, affection, blood, friendship, dreams, betrayals among other factors. In this study, although the main focus is family degradation, present in these works, we add a brief profile about the author and his literature. Then, we begin to explain the theme in the works mentioned here: first, in Dois Irmãos, and, after, Cinzas do Norte. For a better perception of the proposed theme, we report facts and draw analyzes, although not as detailed, about the characters and their actions in the works. In the final considerations we return to the theme and contextualize it with contemporary events. After all, in certain moments of life, fiction and reality end up entwining.

Keywords: Literature. Milton Hatoum. Family Degradation.

---

[1] Artigo apresentado como requisito para obtenção de nota final na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso e requisito para finalização do Curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa.
[2] Discente finalista.
[3] Orientador: Professor na Universidade Federal do Amazonas-UFAM/Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente-IEAA.

1 INTRODUÇÃO

Há muitos anos, percebemos a necessidade de registrar, através da escrita, nossos pensamentos. A forma de visualizar o mundo em nossa volta, os problemas sociais, os sentimentos, os desejos etc. tudo isso carecia, de alguma forma, ser transmitido de geração para geração. Finalmente, tudo isso tornou-se possível quando inventamos a escrita e, consequentemente a literatura, afinal, segundo (ATAÍDE, 1941, p. 3), "a literatura é uma recriação verbal da realidade através da imaginação do artista. " Para Lukács[4], a literatura move o leitor a vislumbrar a realidade através da ficção e a desejar transformá-la pois, não podemos negar o aspecto científico que a literatura possui, afinal, segundo Minayo (2012, p. 9): "A ciência é apenas uma forma de expressão dessa busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva". Assim, também, é a literatura.

Assim, movida pelo desejo de transformação, a literatura gera no leitor a ânsia por projetos revolucionários, pelo vislumbre de uma sociedade mais justa e mais humana. Dessa forma, inúmeros autores, escritores, pensadores e historiadores têm deixado seus registros, no intuito de alcançar o maior número de leitores e conduzi-los à reflexão e ao desejo de sair em busca de valores autênticos que os ajudem na criação e perpetuação literária.

No entanto, para que a realidade seja registrada com autenticidade e, embora enriquecida pela literatura, seja compreendida em seus diversos aspectos, faz-se necessário que a registremos de modo contextualizado com fatos que a tornem passível de compreensão. Do mesmo modo, só será possível interpretar um texto se o relacionarmos inteiramente com um contexto que o ampare, que o embase, pois, os fatores externos desempenham papel importante na constituição do interno, como na estrutura de uma obra, por exemplo.

Milton Hatoum, escritor contemporâneo reconhecido, respeitado pelo público pela crítica brasileira e estrangeira, apontado como um grande talento da atualidade, utiliza em suas criações literárias caracteres de suma importância, fazendo com que seus trabalhos sejam descritos com tamanha veracidade. Além de o autor narrar reflexões em relação aos problemas sociais e políticos, típicos da realidade e do período histórico ao qual suas obras estão relacionadas, o escritor apresenta dramas familiares e problemas pessoais que permeiam suas obras de maiores destaques. Em *A noite da espera*, por exemplo, o autor faz referência a uma cidade recém-inaugurada, onde Martim, o protagonista e narrador da obra, conta sobre a

4 LUKÁCS, Georg, Problemas del Realismo. México/Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1996.

separação dos pais e, consequentemente a sua separação com a mãe, já em Paris que, apesar de ser um bonito lugar, não alivia a solidão que era viver longe de sua família. “ Inverno e silêncio. Nenhuma carta do Brasil. ” (HATOUN, 2005, p. 11).

2 Fundamentação Teórica

O escritor Milton Hatoum nasceu em Manaus- Amazonas em 1952, formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela USP em 1970, onde também se titulou doutor em Teoria Literária em 1998. Foi professor de Língua e Literatura Francesas na Universidade Federal do Amazonas de 1984 a 1988. Em seguida, atuou como professor visitante na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

O romancista Milton Hatoum se vale de subsídios em que suas obras se contextualizam, explicitando a cultura regional e, por ser descendente de Libaneses, suas obras mencionam, também, aspectos dessa cultura, como por exemplo alguns nomes de suas personagens: “Zana relutou, e conseguiu persuadir o marido a mandar apenas Yaqub. Durante anos Omar foi tratado como filho único...” (HATOUN, 2000, p. 15). Seu estilo é peculiar, pois faz uso de termos locais, como nomes de árvores, lugares, ruas, comidas e alguns costumes típicos da região, sobretudo alimentares: “Ficou pensativo e me observou com curiosidade: ‘Onde tu moras?’. ‘No centro, mais nasci no castanhal, lá no morro da Catita. Fui criado por uma tia... Ramira.’”. “‘Meninos do bairro’, disse ele. ‘Agora vão merendar’. Devoraram o bolo de macaxeira, depois cataram manga [...]” (HATOUN, 2005, p. 43). Hatoum tem como inspiração a região amazônica – especialmente a cidade de Manaus. Para a caracterização dos cenários vai utilizando elementos “cenográficos”, como arquitetura e paisagens locais, seus bairros, rios e pontos turísticos “[...] No mercado municipal, escolhia uma pescada, um tucunaré ou um Matrinchã[...]” “[...] o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na Praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam.” “[...] saíram da loja e foram ao Café Polar, perto do Teatro Amazonas [...] (HATOUN, 2005, ps. 47 – 48).

Seu livro de estreia, *Relato de um certo Oriente* (1989), foi publicado em países como Itália, Alemanha, Inglaterra, Espanha e Portugal. Em 2000, Hatoum lança seu segundo romance, *Dois irmãos*, trazendo de volta a saga dos imigrantes libaneses na Amazônia, e as relações familiares conflituosas entre marido e esposa, e pais e filhos.

Apesar do reconhecimento do público e da crítica literária nacional e internacional acerca desses dois trabalhos, foi com sua terceira obra, *Cinzas do Norte*, lançada em 2005, que

o autor, definitivamente, consagrou-se recebendo cinco prêmios em 2006: “Prêmio Jabuti” de melhor livro e melhor romance (assim como os dois livros anteriores), “Prêmio Portugal Telecom”, o grande “Prêmio da APCA” e o “Prêmio “Bravo”. Em *“A Noite da Espera”* lançada em 2017, sendo um romance, o escritor, com sua habilidade, transita por meio das dimensões pessoais, e sociais, e dramatiza um país afundado por um golpe e faz uma ruptura familiar. *“Órfãos do Eldorado”*, lançada em 2008, apresenta relatos de desafetos, amor e fracasso. Sendo caracterizada como uma novela, a obra não é marcada por capítulos e não apresenta uma ordem direta como a do gênero. *“ A cidade ilhada”,* publicada em 2009, caracteriza-se como um conto. Esta apresenta experiências vividas, com brevíssimas tramas, além de trabalhar com fragmentos de memórias, enfatizando biografia pessoal, fracassos e desejos. *“Um solitário à Espreita”* foi publicado em 2013, no gênero ficção. E nesta obra cheia de crônicas não há apenas um solitário à espreita, são diversos, que fogem da alienação do cotidiano, e seguem pelas margens do senso comum. Por sua ampla aceitação e sua publicação em diversos países, Hatoum se consagrou como um dos autores brasileiros contemporâneos mais premiados no momento.

2.1 Degradação Familiar em *Dois Irmãos*

O universo na obra de Milton Hatoum é muito extenso. Dificilmente se conseguiria analisar todas as temáticas presentes em uma pesquisa apenas, ou em uma leitura apenas. Nas obras aqui analisadas a preocupação foi detectar como esse escritor aborda a temática sugerida *“Degradação Familiar”.* Para um relato mais consistente sobre a referida temática analisamos *Cinzas do Norte* e *Dois Irmãos.*

Em *Dois Irmãos,* temos uma obra com um estilo caracterizado por sutilezas o que a torna bem peculiar em relação às demais aqui pesquisadas. É um romance que se apresenta por meio da relação de ódio entre dois irmãos gêmeos, de uma família de imigrantes libaneses que reside em Manaus. Essa cidade aparece, nas obras analisadas, como espaço principal dos acontecimentos, embora outros ambientes sejam retratados, como por exemplo, a Vila Amazônia, o Castanhal do Morro etc., onde se desenvolvem alguns acontecimentos de *Cinzas do Norte*, e a cidade do Rio de janeiro em *Dois Irmãos*. É possível, percebermos que a degradação da família protagonista começa a partir do momento em que a personagem Zana dar à luz os gêmeos Yaqub e Omar. Aquele, nasceu primeiro e totalmente saudável, enquanto este nasceu minutos depois, com muita dificuldade e, além disso, meses depois contraiu a doença conhecida por “malária”, o que o deixou bastante debilitado. Todos esses problemas de saúde acabaram por fazer com que a atenção de Zana se voltasse mais para o filho caçula, Omar.

Em relação às personagens da referida obra, dos dois irmãos gêmeos, apesar de protagonistas, um, Omar, acaba assumindo características de antagonista segundo a classificação de Gancho (2006, p. 19): [...] é a personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características diametralmente opostas às do protagonista. Enfim, geralmente seria o vilão da história". Quanto a Yakub, apesar de tramar uma vingança contra Omar, não chega a caracterizar-se como antagonista em relação ao irmão, na verdade é apenas vítima das atrocidades de Omar.

A trama no romance *Dois irmãos*, é narrada por Nael, filho da empregada Domingas. Nael é um narrador-personagem e intradiegético, pois está presente na trama, faz parte dos acontecimentos e conhece o íntimo das personagens por isso, narra tanto em terceira quanto em primeira pessoa. "A dor dele parecia mais forte que a emoção do reencontro com o mundo da infância. Ele molhou o rosto com a água do rio e pediu que o canoeiro contornasse a Cidade Flutuante, onde já piscavam chamas de velas e de candeeiros" (HATUOM, 2000, p.116). O menino, Nael, presenciou muitas cenas na família dos gêmeos, por isso relata tão detalhadamente os fatos ocorridos desde quando criança, rememorando o passado, fazendo, portanto, uso de flashbacks, até a idade adulta. "[...] Quando ele viajou para São Paulo, eu tinha uns quatro anos de idade, mas a roupa dele me esperou crescer e foi se ajustando ao meu corpo [...]" (HATUOM, 2000, p.38).

Esses aspectos da narrativa caracterizam o narrador, também, como Narrador Testemunha que, segundo Gancho (2006, p. 33): "[...] geralmente não é a personagem principal, mas narra acontecimentos dos quais participou, ainda que sem grande destaque". Outros acontecimentos conhecemos através dos relatos de sua mãe, Domingas. "[...] 'Quando tu nasceste', ela disse, 'seu Halim me ajudou, não quis me tirar de casa... Me prometeu que ias estudar. Tu eras neto dele, não ia te deixar na rua. [...]'" (HATUOM, 2000, p. 241).

O tempo em Dois Irmãos não é especificamente cronológico, não possui uma linearidade nos acontecimentos, os fatos vão se desencadeando aos poucos através dos relatos do narrador, o que atribui ao tempo, na obra, um aspecto psicológico que, segundo Gancho (2006, p. 25): "É o nome que se dá ao tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou das personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos. Está, portanto, ligado ao enredo não linear". Nael, que busca sua própria identidade e busca, também, saber quem é seu pai, após muitos anos descobre toda a verdade em relação a seu passado e sua paternidade. Essa obra, nos descreve as relações e diferenças entre cada membro da família protagonista que, embora bem estruturada, até pela situação

financeira, com o nascimento dos gêmeos, começa a se desestruturar. Esses acontecimentos tornam possível identificar na obra um âmbito familiar em decadência.

> "Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final" (HATUOM, 2000, p.29).

A obra *Dois irmãos* é introduzida pela narração da morte de Zana, Mãe dos Gêmeos. A cena aí descrita demonstra muita angustia e esperança, por parte da personagem, pela redenção dos filhos. Isso é percebido devido a um profundo silêncio que, repentinamente, é quebrado quando Zana, em árabe, pergunta quase a sussurrar: "Meus filhos já fizeram as pazes? [...]" (HATUOM, 2005, p.12). Esse profundo silêncio corresponde à negatividade da resposta.

No primeiro capítulo do livro, é descrita a volta de Yaqub, quando este retorna do Líbano, uma volta cheia de incertezas, arrependimentos, culpas e revoltas.

> O que mais preocupava Halim, era a separação dos gêmeos, "porque nunca se sabe como vão reagir depois...". Ele nunca deixou de pensar no reencontro dos filhos, no convívio após a longa separação. Desde o dia da partida, Zana não parou de repetir: " Meu filho vai voltar um matuto, um pastor, um *ra`í*. Vai esquecer o português e não vai pisar na escola porque não tem escola lá na aldeia da tua família (HATOUM, 2000, p. 15).

Zana, culpava o marido Halim por tirar o filho Yaqub de casa e tê-lo levado para tão longe. Mesmo contra sua vontade, Zana permitiu o adeus do filho mais velho. Isso fez com que Omar ficasse e, assim, recebeu por logos anos o tratamento de filho único.

> [...] O gêmeo que se ausentara por capricho ou teimosia de Halim. E ela permitira por alguma razão incompreensível, por alguma coisa que parecia insensatez ou paixão, devoção cega e irrefreável, ou tudo isso junto, e que ela não quis ou nunca soube nomear (HATOUM, 2000, p.16).

Zana e Halim, com a volta de Yaqub, compreendem o quanto essa distância prejudicou o filho, pois ele mal conseguia pronunciar as palavras em português. Ele adquirira os costumes do Líbano, o que contribuiu para que se tornasse um menino imerso em seu próprio mundo. Yaqub perdeu parte de sua infância que poderia ter vivido junto a seus pais e irmãos, porém em sua volta a Manaus, reconhece algumas cenas de seu passado, quando criança, e se emociona.

> “O que aconteceu? ”, perguntou Zana. “ Arrancaram tua língua? ”
> “La, não, mama”, disse ele, sem tirar os olhos da paisagem da infância, de alguma coisa interrompida antes do tempo, bruscamente (HATOUM, 2000, p. 17).

E foi nessa infância que tudo começou. Yaqub nunca conseguiu entender o porquê da diferença entre ele e seu irmão, o porque ele teve que se afastar e o Omar não. Yacub sempre foi mais calado, medroso e obediente, e isso o incomodava. Ele queria ser mais corajoso, mas não conseguia. Quanto a Omar, este era diferente. Era ousado, valente, destemido e, acima de tudo, extremamente teimoso e rebelde. Até em momentos de diversão, quando subiam nas árvores ou brincavam com outros meninos, por exemplo, percebia-se a diferença de atitudes entre os gêmeos:

> A voz de Omar, o caçula: “Daqui de cima eu poso enxergar tudo, sobe, sobe”. Yaqub não se mexia, nem olhava para o alto [...]. [...] Não, fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e de outro, quando via o braço do caçula enroscado no pescoço de um curumim do cortiço que havia nos fundos da casa. Sentia raiva de sua impotência e tremia de medo, acovardado, ao ver o caçula desafiar três ou quatro moleques parrudos [...]. Yacub se escondia, mas não deixava de admirar a coragem de Omar (HATOUM. 2000, p.17-18).

E então, o primeiro conflito entre os dois irmãos aconteceu: Lívia, a vizinha, sobrinha dos Reinosos, menina aloirada e muito bonita, provocou entre Omar e Yaqub uma disputa por longos anos. Os dois se apaixonaram por ela. Certo dia, durante o Baile dos Jovens, Yacub almejava seu primeiro encontro com Lívia. Porém, sua mãe, Zana, atrapalha os planos do jovem mandando que levasse Rânia, irmã dele, para casa. Com isso, Omar é favorecido por continuar no baile e, assim, aproveita para se aproximar de Lívia.

> Queria ficar para pular abraçado com ela, sentir-se quase adulto com ela. Já pensava em se aproximar de Lívia quando a voz de Zana ordenou: “Leva tua irmã para casa. Podes voltar depois”. Ele obedeceu. Acompanhou Rânia até o quarto, esperou-a dormir e voltou correndo ao casarão dos Benemou. [...] logo ficou trêmulo ao reconhecer o cabelo e o rosto semelhantes ao dele, pertinho do rosto que admirava (HATOUM, 2000, p.19).

Quanto à história da cicatriz no rosto de Yaqub, Nael ficou sabendo através dos relatos de Domingas, a empregada e ama do gêmeo mais velho. Era uma tarde de sábado, onde todas as crianças ficavam bem vestidas e se direcionavam à casa de Estelita para uma sessão de cinema, na parede branca do porão. Lívia provocava os gêmeos. Ela era cobiçada por toda a garotada, mas ela só sentia-se atraída pelos irmãos. Às vezes, ela olhava para Yaqub e percebia

algo diferente em relação a Omar. Tudo isso contribuía para despertar o ciúme no gêmeo caçula, que achava que já tinha ganho o amor de Lívia, na primeira festa, o Baile dos jovens.

> Lívia sorria para um e para o outro, e dessa vez foi o caçula que ficou enciumado [...]. Não era sonsa, era uma mocinha apresentada, que sorria em malícia e atraía os gêmeos e todos os meninos da vizinhança quando trepava na mangueira. [...] mas ela gostava mesmo era dos gêmeos; olhava dengosa para os dois; às vezes, quando se distraía, olhava para Yaqub como se visse nele alguma coisa que o outro não tinha.Yacub, meio acanhado, percebia. O caçula pensava que depois do baile dos Benemou Lívia ia cheirar e morder o gogó dele e desfilar com ele nas matinês do Guarany e do Odeon (HATOUM, 2000, p. 26-27).

E, assim, Lívia despertava mais o ciúme em Omar. Em meio a apresentação do filme, durante a escuridão do porão, devido a problemas no gerador, a janela se abre, e todos veem Yaqub e Lívia se beijando. Omar, o caçula impetuoso, também viu e, como não poderia ser diferente, revoltou-se e, descontroladamente, derrubando tudo o que via pela frente, lançou, em um gesto de extrema fúria, sobre o rosto do irmão, uma garrafa de vidro causando, no rosto do gêmeo mais velho, um corte profundo. Nesse momento, Lívia se desespera ao ver Yaqub ensanguentado devido ao ferimento causado por Omar no rosto do irmão.

> "Uma pane no gerador apagou a imagens, alguém abriu a janela e a plateia viu os lábios de Lívia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certeira, rápida e furiosa do caçula. O silêncio durou alguns segundos. E então o grito de pânico de Lívia ao olhar o rosto de Yaqub ((HATOUM. 2000.p.27-28)".

A cicatriz no rosto representou para Yaqub uma dor que permaneceu por toda a sua vida, pois ela representava, para ele, um sentimento desconhecido, mas intenso. E, a partir dessa triste cena, os dois irmãos deixaram de falar um com o outro. Zana, culpava Halim pela educação dos gêmeos, e ele se defendia, acusando Zana pelas desavenças entre os filhos, por sempre dar mais atenção ao caçula e o tratando como seu único filho. Domingas contou a Nael, seu filho, que Zana chorou ao ver ensanguentado o rosto do filho. Contou também que Halim, a partir desse fato, passou a temer as reações dos filhos dentro de casa e que foi motivado por esse medo que decidiu sobre a ida de Yaqub para o Líbano.

> A cicatriz já começava a crescer no corpo de Yaqub. A cicatriz, a dor e algum sentimento que ele não revelava e talvez desconhecesse. Não tornaram a falar um com o outro. Zana culpava Halim pela falta de mão firme na educação dos gêmeos. Ele discordava: "Nada disso, tu tratas o Omar como se ele fosse nosso único filho" (HATOUM, 2000, p.28).

Mesmo vivendo como único filho, Omar continuava dando trabalho aos pais, enquanto, Yaqub, permanecia em seu mundo de solidão. O filho caçula, saía às noites e, normalmente, só chegava em casa pela manhã, muitas vezes bêbado. Zana vivia preocupada com ele, afinal, a vida que levava não permitia que a vida de sua mãe fosse diferente. Entre outros desatinos que cometia, ser expulso dos colégios nos quais era matriculado era um dos menos preocupantes. Já não se pode dizer o mesmo em relação às noitadas regadas a bebidas e em companhia de mulheres.

> De madrugada, na hora do último sereno, voltava para casa. E lá estava Zana, impávida na rede vermelha, no rosto a serenidade fingida, no fundo atormentada, entristecida por passar mais uma noite sem o filho. Omar mal percebia o vulto arqueado sob o alpendre. Ia direto ao banheiro, provocava em golfadas a bebedeira da noite (HATOUM, 2000, p. 32-33).

Halim não conseguia esconder a preferência pelo gêmeo mais velho. Afinal, Yaqub o orgulhava por ser muito estudioso e ter muita facilidade no domínio da matemática. Yaqub, raramente saía de casa, vivia estudando, pernoitava em companhia dos números e da gramática portuguesa. Halim passou a dar exemplo de Yaqub para cobrar de Omar uma postura, mas Omar era rebelde demais para se importar com as chamadas do pai: "O pai o repreendia, dava o exemplo do outro filho, e Omar, mesmo calado, parecia dizer: Dane-se! Danem-se todos, vivo a minha vida como quero" (HATOUM, 2000, p.33).

Yaqub ganhou uma viagem para São Paulo, por meio de seus estudos, a fim de aprimorar cada vez mais seus conhecimentos. Ele passou a se comunicar com os pais através de cartas, cartas que Zana lia e relia com certa devoção. Zana e Hallim ficaram orgulhosos de Yaqub, mas temiam que ele nunca mais voltasse de São Paulo. E ele, pouco a pouco, foi se adaptando a sua nova realidade. Yacub, obstinado como era por seus estudos, formou-se em engenharia e prosperou financeiramente.

> Uma carta de Yaqub, pontual, chegava de São Paulo no fim de cada mês. Zana fazia da leitura um ritual, lia como quem lê um salmo ou uma surata; uma dicção, emocionada, alternava como uma pausa, como se quisesse escutar a voz do filho distante. [...] "Meu filho Paulista", brincava Zana, orgulhosa e preocupada ao mesmo tempo. Temia que Yaqub nunca mais voltasse. [...] Zana não entendeu direito o significado da futura profissão do filho, mas, engenheiro já bastava, e era muito. Um doutor (HATOUM, 2000, p. 59-60).

Mas, enquanto Yaqub crescia profissionalmente, e seguia orgulhando seus pais, o filho caçula, Omar, vivia, dia após dia, envolvido com várias mulheres, bebidas e constantes ressacas.

Agia como um ser noturno, dormia durante todo o dia e acordava apenas à tarde, pedindo comida e, à noite, voltava para sua rotina de farras. Diferentemente de Omar, Yaqub seguia sua vida longe de casa e da família.

> Já Omar era presente demais: seu corpo estava ali, dormindo no alpendre. O corpo participava de um jogo entre a inércia da ressaca e a euforia da farra noturna. Durante a manhã, ele se esquecia do mundo, era um ser imóvel, embrulhado na rede. No começo da tarde, rugia, faminto (HATOUM. 2000, p, 61).

Certa vez, Omar leva para casa uma das mulheres com quem convivia nas farras, Dália, uma dançarina de casa noturna, fato de que só algum tempo depois ele tomou conhecimento, e a apresenta à família como sendo sua namorada. Zana, que a percebe como uma ameaça ao amor que sente por Omar e a relação de afeto entre mãe e filho, a expulsa de sua casa. Omar sai em busca de sua namorada e, assim, acaba por descobrir a profissão de Dália.

> Nós soubemos que Dália era uma das mulheres Prateadas que se exibiam aos domingos na Maloca dos bares. Eram dançarinas amazonenses, mas se diziam cariocas, acreditando que essa mentira lhes daria maior audiência (HATOUM, 2000, p.104).

Após mais essa confusão causada na família, Halim decidiu mandar Omar para São Paulo para estudar e morar com o irmão, achando que o filho mais velho pudesse educar Omar e que a vida em uma capital pudesse fazê-lo amadurecer. “[...] Teu irmão vai te ajudar em São Paulo”. “Vais estudar em São Paulo, vais ter que dar duro que nem teu irmão...”. Halim e Zana pensavam que o filho doutor ia corrigi-lo, que cedo ou tarde a vida dura em São Paulo podia domá-lo (HATOUM, 2000, p.106 - 108). Não foi nada fácil para Zana concordar com essa decisão de Halim. Afinal, não queria ver Omar ir embora, mesmo o caçula revoltado tendo passado, muitas vezes do limite e, assim, causado muitos transtornos entre seus pais. O problema é que Yaqub não gostou nem um pouco da ideia. Afinal, já estava casado e não fazia questão nenhuma que a família interferisse, de qualquer forma, em sua nova vida e sabia que sua mãe não gostava da ideia de ver os filhos casados.

> “[...]Yaqub já estava casado e, mais uma vez, não aceitava um vintém dos pais; Talvez recusasse até uma dádiva de Deus. Não revelou o nome da mulher e apenas um telegrama anunciou o casório. Zana mordeu os lábios. Para ela, um filho casado era um filho perdido ou sequestrado. Fingiu-se desinteressada do nome da nora e cercou ainda mais o caçula, que ela atraía para si como um imã atrai umas limalhas (HATOUM. 2000.p.93).

Como não podia ser diferente, Yaqub se recusou a deixar o irmão morar na mesma casa que ele e a esposa. Entretanto ofereceu um local para ele ficar e o ajudou a seguir com os estudos. Tudo isso funcionou durante algum tempo, até descobrir que o irmão tinha deixado de frequentar a escola e que ele havia sumido da pensão que havia alugado para ele morar.

> Omar assistia as aulas com assiduidade, frequentava os laboratórios, só era um pouco estabanado nas aulas de Educação Física. Estava indo bem: Por que deixara de frequentar o colégio? [...] Foi à pensão da rua Tamandaré e soube que o irmão abandonara o quarto sem nenhuma explicação, sem nem mesmo pagá-lo (HATOUM, 2000, p.110).

Foi então que Yaqub, decidiu revelar para o seu pai o que o filho caçula havia feito em São Paulo. Contou depois que resolveu visitar os pais, pois desde que tinha ido morar em São Paulo, não teve mais contato com sua antiga vida em Manaus. "Então Yaqub revelou a verdade, na aversão dele. Cotou só para o pai, que deixou o outro desabafar. O engenheiro, lacônico, dessa vez desandou a falar mal do irmão" (HATOUM, 2000, p.122).

Omar descobriu que a esposa de seu irmão era a mesma que havia despertado sua paixão de infância. Omar usou a empregada da casa de Yaqub para conseguir entrar na casa do irmão. Então, pela força do ódio, inveja, ciúme e fúria, destruiu o álbum de casamento de Yaqub e Lívia. Rabiscou com gestos obscenos no rosto da cunhada, descreveu diversos palavrões, além de tudo isso, ainda roubou o passaporte do irmão e foi passear nos Estados Unidos. Ele gastou com futilidades todo o dinheiro que os pais mandavam e, ainda, levou quase todo o dinheiro do irmão, fato que este, também, relatou ao pai.

> "Durante cem dias o teu filho foi disciplinado como não tinha sido em quase trinta anos, mas foram cem dias de farsa", disse Yaqub ao pai. "Ele roubou meu passaporte e viajou para os Estados Unidos. O Passaporte, uma gravata de seda e duas camisas de linho irlandês!" [...] "O patife! Muito bem, que o pulha levasse o passaporte, a gravata de seda, as camisas de linho, mas o dinheiro... "Deixou a mixaria, deixou o que ele é. Esse é teu filho. Um *harami*, ladrão!" (HATOUM, 2000, p.123).

Enquanto Nael, o narrador, conta as histórias da família Libanesa, ele se depara com um vazio, sem saber se descobriria a verdade sobre sua origem, de onde vinha, quem era o seu pai. Ele relata que sempre perguntava de sua mãe, mas ela nunca respondia, calava e deixava transparecer um olhar triste e aflito.

> Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. [...] Eu sofria com o silencio dela; [...]. Quando eu fazia a pergunta, seu olhar logo me silenciava, e eram olhos tristes (HATOUM, 2000, p.73).

Certo dia, Domingas revelou ao filho quem era seu pai, como aconteceu e porque seu nome era Nael. Contou, então, que certa vez, levado por ciúme, pois sempre a via com Yaqub, Omar embriagado, a violentou e, assim, a engravidou. Halim, então, soube de tudo e ajudou a mãe de seu neto, porém pediu para que ela batizasse o filho com o nome de seu pai, Nael, avô de Omar.

> "Quando tu nasceste", ela me disse, "Seu Halim me ajudou, não quis me tirar de casa... Me prometeu que ias estudar. Tu eras neto dele, não ia te deixar na rua. Ele foi até ao teu batismo, só ele me acompanhou. E ainda me pediu para escolher teu nome, Nael, ele me disse, o nome do pai dele. [...] "Com Omar, eu não queria... Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, abrutalhado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão" (HATOUM, 2000, p. 241).

O romance é encerrado ao ser revelado para o leitor a vingança que Yaqub preparara. Ele planejou que, após a morte da mãe, a casa da família fosse entregue como pagamento de dívida contraída pelos gêmeos, principalmente pelos gastos de Omar. Os cobradores, principalmente donos de pousadas onde Omar costumava se hospedar e não pagar, procuravam, constantemente, Rânia, que, não tendo como pagar as dívidas, teve que vender a casa e a loja da família. Assim, ela foi percebendo como Yaqub planejou se vingar de Omar. "Aos poucos, ela foi descobrindo que o irmão distante havia calculado o momento adequado para agir. Yaqub esperou a mãe morrer. Então, com truz de pantera, atacou. " (HATOUM, 2000, p. 257-261).

Quanto a Rânia, mesmo não sendo tratada com as mesmas regalias com que os gêmeos eram, e, às vezes, até sendo insultada pela família, levou Zana, sua mãe, para morar consigo em seu bangalô. Mesmo, a princípio, Zana recusando ir morar com a filha, por não querer se desfazer da única esperança que lhe restava, a volta de Omar, por fim, acaba cedendo, mesmo contra sua vontade. " Ela esperneava, gritava: "Não quero sair daqui Rânia ... Não adianta, não vou vender minha casa, sua ingrata ... Meu filho vai voltar" [...] "A senhora vai se acostumar com a minha casa, mãe. " (HATOUM, 2000, p.254). Zana, ao deixar a casa, sentiu uma profunda tristeza, uma dor que só ela conseguiria descrever. Então, pouco tempo depois, Zana faleceu sem ver seu filho Omar voltar. "Ela morreu quando o filho caçula estava foragido" (HATOUM,

2000, p.255). Não realizou, portanto, seu grande desejo de reconciliar os gêmeos. “O sonho de Zana, desfeito: ver os filhos juntos, numa harmonia impossível” (HATOUM, 2000, p.235).

Rânia, passou a desprezar a atitude do irmão Yacub, que nunca desistiu de vingar-se de Omar. Yacub foi até as últimas consequências para cumprir seu objetivo, e cumpriu. Omar, ficou foragido por ter agredido o irmão, além de diversos outros delitos praticados. Cumpriu parte de sua sentença. Foi solto antes do prazo porque sua irmã Rânia pagou parte da fiança. “Omar deixou o presídio um pouco antes de cumprir a pena. Saiu à custa dos níqueis acumulados por Rânia” (HATOUM, 2000, p. 262). Depois que Omar saiu da cadeia, Rânia tentou aproximação com o irmão, tentou atraí-lo com dinheiro, ofereceu sua casa, mas ele não quis, fugia de todos que tentavam se aproximar dele e, então, Omar não foi mais visto pelas ruas da cidade. “Rânia fez de tudo para se aproximar dele, mas Omar se esquivava, fugia da irmã e de todos os vizinhos” (HATOUM, 2000, p.262).

Devido aos problemas familiares, Rânia foi para longe da sua antiga casa, foi morar em um bangalô. “Então ela partiu, deixou a casa e seu quarto. Toda manhã, a caminho da rua dos Barés, visitava a mãe. Dizia-lhe: “ O bangalô está um brinco, mama.” (HATOUM, 2000, p.248). Rânia, despertava o interesse em muitos homens, mas ela decidiu não se casar e dedicou-se inteiramente ao comércio. “Outros homens a viam trabalhar sozinha e pensavam ser fácil seduzi-la. Ela os deixava comprar, gastar, e depois sorria para o próximo freguês.” (HATOUM, 2000, p. 248- 249). Nael narra que Rânia, em um ato de coragem e dor, por ver seu irmão Omar totalmente desfigurado e à beira da morte, falou da traição do irmão Yacub para com a família. “Só osso e pelanca... Meu irmão não parece humano” (HATOUM, 2000, p.261). Então contou a Nael, que escreveria uma carta ao seu irmão Yacub e, com uma ousadia e a solidão de uma mulher que passaria o resto de sua vida sozinha, escreveu ao irmão dizendo que sua vingança perderia o valor diante de um perdão e que o mocinho passou a se tornar o vilão.

> [...] na solidão de solteirona para sempre, escreveu a Yacub o que ninguém ousara dizer. Lembrou-lhe que a vingança é mais patética que o perdão. Já não se vingara ao soterrar o sonho da mãe? Não a viu morrer, não sabia, nunca saberia. Zana havia morrido com o sonho dela soterrado, com o pesadelo de uma culpa. Escreveu que, ele, Yacub, o ressentido, o rejeitado, era também o mais bruto, o mais violento, e por isso podia ser julgado. Ameaçou desprezá-lo para sempre (HATOUM, 2000, p.261).

2.2 Degradação Familiar em *Cinzas do Norte*

Nessa obra, a degradação familiar começa a ser percebida logo no primeiro capítulo do livro, pois temos um narrador, Lavo, que descreve todos os acontecimentos, tendo participação

direta em grande parte dos fatos, o que o caracteriza como narrador-personagem. Todavia, trata-se de um romance sobre um romance, "suspeitava que o sobrinho estivesse escrevendo um livro sobre Mundo (HATOUM, 2005, p. 303)", escrito a partir da utilização da memória, evidenciado no prólogo da narrativa: "Uns vinte anos depois, a história de Mundo me vem à memória com a força de um fogo escondido pela infância e pela juventude (HATOUM, 2005, p. 9).

O romance é narrado por Lavo, um narrador-personagem, que, em alguns momentos, assume o perfil de narrador-observador. Ele narra, predominantemente, em primeira pessoa, contando a história como um atento observador. Conforme a classificação de Fridman *apud* Leite: "é um *eu* já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, verossímil (LEITE, 1987, p. 37)".

Lavo narra fatos vividos por ele próprio e por outros personagens. Esses outros personagens, também, podem ser vistos como narradores, pois frequentemente aparecem as falas de Mundo e Ranulfo, por exemplo, narrando situações. Lavo usa as informações contidas nas cartas escritas por Ranulfo endereçadas a Mundo, contudo, só após a morte deste é que Lavo tem acesso a elas. A presença dessas três vozes, contribui para a verossimilhança da obra. Segundo Chiappini, o narrador-personagem é uma personagem secundária, e narra os acontecimentos a partir de informações que viu ou ouviu, lançando mão de hipóteses, ou de cartas e documentos que tenham caído em suas mãos (LEITE, 1987, p. 38).

O desenvolvimento da trama se dá por meio de memória e documentação. A memória é empregada como um guia constante [...] "uns vintes anos depois", o narrador relembra "a história de Mundo" e sua "vida à deriva" (HATOUN, 2005, p.9-10).[5] Vida à deriva que coincide com a história de um país à deriva: a juventude de Mundo se concentra nos ditatoriais anos 70 e será contada por seu amigo Lavo, através da memória pessoal e do relato de personagens cruciais em sua formação. Esse formato de narrativa caracteriza o tempo na obra como, predominantemente, psicológico que, de acordo com Gancho (2006, p. 25), é o tempo que acontece na obra segundo a vontade do narrador ou das personagens, isto é, não segue uma linearidade cronológica. "[...] Uns vinte anos depois, a história de Mundo me vem à memória [...]" (HATOUN, 2005, p. 9)

Lavo e Mundo, dois meninos de aproximadamente 10 anos de idade, tornam-se confidentes e melhores amigos até o fim de suas vidas. Raimundo, ou apenas Mundo, como é

[5] Todas as citações seguem a edição: HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

chamado, é o suposto filho de Jano. Desde pequeno é apaixonado pela arte de desenhar e sonha em ser artista. Por essa razão não se interessa pelos estudos e por uma formação profissional. É rebelde e revolucionário e, por conta dessa personalidade, está sempre em conflito com o pai, Trajano Mattoso, Jano, como é conhecido por todos.

> " Vocês foram colegas de sala no Pedro II, não é? Mundo não fez os exames finais do segundo ano. E pelo jeito, vai levar bomba de novo no Colégio Brasileiro. " [...] " Qual a conversa?". " Arte", eu disse. " Ele só fala nisso. As pinturas..." " Por isso não promete nada", Jano interrompeu. "Arte... quem ele pensa que é? " (HATOUN, 2005, p. 21-22).

A amizade entre Lavo e Mundo nos remete às diferenças que rodeiam a ambos. Lavo, um menino órfão, de família pobre, obediente, estudioso e disciplinado, e que ambicionava ser advogado. Cheio de atributos, os quais, Jano almejava para seu filho. Em contrapartida, Mundo herdeiro de toda a fortuna de Jano, era um artista, indisciplinado e desobediente, para quem as regras disciplinares são um transtorno: "Ou a obediência estúpida ou a revolta. " (HATOUN, 2005, p.10). Apesar das diferentes atitudes, Lavo o descreve com admiração: "logo percebemos que seu poder, além de emanar das mãos, vinha também do olhar" (HATOUN, 2005, p.16). Talvez sejam os contrastes existentes entre eles é que despertam a admiração de Lavo para com Mundo. Pois, ao passo que Lavo é passivo e receoso, Mundo é ousado e valente.

Mundo adora a liberdade, e não se prende a regras e imposições, mas busca seguir seus instintos e anseios, perseguir seus sonhos e ambições. Ele repele qualquer relação que envolva o regime militar, que busque, por meio da obrigação, impedir a liberdade e efetivação como ser humano. Em meio a toda essa desordem, Mundo encontra apoio para seus pensamentos liberais e contraditórios aos de Jano e do Regime político em Ranulfo, que o encoraja a seguir seus impulsos artísticos. Ranulfo, boêmio e intelectual, vive em contradição com a realidade social e política e, mesmo não ligado a nenhum partido político, possui muitas ideias revolucionárias:

> [...] nas manhãs de domingo acordávamos com os discursos de um e outro, que defendiam ideias amalucadas sobre uma revolução no Brasil. Os assuntos eram variados e cruzados: reforma agrária, pesca de tambaqui, festa a bordo de um navio o mais novo prostíbulo de Manaus, o Varandas da Eva. Brindavam ao Varandas, e Corel, com a bagana apagada na boca, gritava, animado: "O Rosa de Maio ainda é o melhor! ". Tinham esquecido a revolução e a reforma agrária, e recordavam as noites da juventude no Rosa de Maio, Lá Hoje, Shangri-lá (p.22-33).

Ranulfo ou Tio Ran era apaixonado por Alicia, mãe de Mundo, desde a juventude, mantendo esse relacionamento às escondidas. Não terminou a escola e não gosta de trabalhar,

e nem de assumir responsabilidades vivendo às custas da irmã Ramira. Vive entre farras e livros, e só pensa em dinheiro e mulheres. O único emprego que o encantou foi o de locutor de rádio no final dos anos 50, de onde foi despedido em 60 (HATOUN, 2005, p. 27).

Ranulfo achava que era "melhor escrever, pintar, ser artista" (HATOUN, 2005, p.95). E não ser advogado como queria Lavo, pois, para tio Ran, "os militares jogaram todas as leis no inferno" (HATOUN, 2005, p. 173), e a lei que realmente importava para a justiça era a lei do dinheiro: se tem ou não se tem. Segundo Lavo, "essas palavras de crítica e revolta davam uma certa dignidade para o tio Ran: a grandeza de um ser revoltado. Não sei se falava por despeito ou apenas para me humilhar. Talvez pensasse isso mesmo de minha profissão e de toda humanidade" (HATOUN, 2005, p.223). Culmina-se em um anarquista desiludido com a nova realidade, não se adaptando à nova sociedade.

A relação de Mundo com Ranulfo, assim como sua arte, constituem uma afronta a Jano. Para Jano, "os artistas... uns inúteis (HATOUN, 2005, p.120)." Porém Mundo não se interessava pelo universo por ele desejado: "nenhum livro de matemática nas estantes", somente "arte, poesia". Para piorar, "nenhuma fotografia de mulher, a não ser a da mãe" (HATOUN, 2005, p.33): nem as ciências exatas – as cifras –, nem mulheres. A solução para o filho, aos olhos paternos, era o "treinamento militar", "falta isso ao meu filho... correr e saltar com coragem, que nem esses rapazes armados" (HATOUN, 2005, p.34), otimista com a disciplina que o regime militar começava a implantar. Para ele, "uma pessoa não poder ser totalmente livre, ninguém pode", mas o "coronel Zanda" poderia "dar um jeito" (HATOUN, 2005, p.121). Nessas "loucuras" de liberdade e arte aclamadas pelo filho, que pensava "que" poderia "construir o futuro com devaneios" (HATOUN, 2005, p.118). Por isso, Jano vê em Lavo um futuro promissor, totalmente inverso de Mundo; "Teu sobrinho promete coisa melhor... bem melhor que o tio e que meu filho, que até agora não promete nada. " (HATOUN, 2005, p. 21).

Jano é uma vívida representação da elite manauara pós cenário dos conflitos mundiais. Herdeiro de pai português, "um homem religioso que acreditava na civilização e no progresso" ((HATOUN, 2005, p.35), trabalhou durante anos na Vila Amazônia, e acredita ter implantado lá uma "civilização", já que antes "todo mundo comia com as mãos e fazia as necessidades em qualquer lugar" (HATOUN, 2005, p.70). Dessa forma nega a cultura e a religião dos índios que lá habitavam. Atitude esta, bem vista pela elite burguesa da época que valorizava a modernização e o crescimento econômico de sua classe. Cercado de amigos interesseiros, pela mulher alcoólatra e pelo filho que o odeia. Dessa forma, seu único amigo e fiel companheiro é seu cachorro Fogo.

A trama se desenvolve, portanto, já a partir do primeiro capítulo da narrativa quando Lavo, o narrador da obra, descreve como foi o comportamento da família que, pouco tempo antes de Jano falecer, já se podia perceber um lar totalmente solitário e sem harmonia familiar. Lavo conta que já o fim da vida de Jano seu cachorro Fogo foi seu melhor amigo, nunca o abandonou, mesmo sendo reprimido pela esposa de seu dono, agiu com fidelidade até o fim de sua vida.

Eram inseparáveis: Fogo dormia perto da cama do casal, e Alicia não suportava isso. Quando o cão trazia carrapatos para cama, ela o enxotava, Jano protestava, o bicho soltava ganidos, ninguém dormia. Então Fogo voltava, quieto e mudo, e se aninhava no cantinho dele, forrado com uma pele de jaguatirica. ” (HATOUN, 2005, p. 11).

A degradação familiar, começa a ser percebida no momento em que Lavo descreve como foram os últimos meses da vida de Jano. A narração acontece logo no primeiro capítulo, mais precisamente na segunda página do livro. “ Ela ia dormir no quarto do filho. Nos últimos meses da vida de Jano foi assim: Fogo e seu dono num quarto, e a mulher, sozinha, no quarto do filho ausente” (HATOUN, 2005, p. 11).

Jano é um empresário de grande prestígio, milionário e amigo dos militares. Possui uma personalidade moldada nos costumes do passado, muito tradicional, portanto, nos modos de pensar e compreender a vida. Por essas razões, não aceita que o filho não se interesse pelos negócios da família pondo, sempre em primeiro plano, sua dedicação à arte. Jano tenta aniquilar o sonho do filho, pois Mundo é o único herdeiro e precisa dar continuidade às empresas construídas pelo pai. Trajano Mattoso acredita que essa paixão do filho pela arte é uma doença viciosa que causa transtorno para a vida de mundo e, consequentemente, para a vida da família como um todo. Segundo seu pai, o “vício” pela arte, é tão forte que nem amigos Mundo possui, devido a sua vida restrita aos desenhos, apenas.

> “ Não tem amigos no bairro, nem fez na escola. Sei porque ele quis sair do Predo II. Tirava notas boas, mas a disciplina atrapalhava a mania dele. Queria passar o tempo todo desenhando. É um vício, uma doença... O grandalhão fez aquela brincadeira com meu filho, não é? Em vez de reagir, de brigar, tomou banho no lago e ficou sentado que nem um leso. O diretor me contou que os alunos ficaram rindo dele. Devem rir até hoje...vão rir sempre. (HATOUN, 2005, p. 32,33). ”

O pai de mundo, acreditava que se o filho fizesse um treinamento militar, o filho seria um homem corajoso e temível, assim, abandonaria seus desenhos e seguiria como seu sucessor nos negócios da família, além de orgulhar a todos. “Treinamento militar”, disse Jano, saudando

um oficial." Falta isso ao meu filho... correr e saltar com coragem, que nem esses rapazes armados (HATOUN, 2005, p. 34).

Alícia, sabia do amor do filho pela arte e o apoiava, mesmo sabendo que o marido desprezava o sonho do filho. Mundo sentia esse apoio, mesmo a mãe não demostrando muito, Alicia, era consolo do filho e Mundo sentia-se consolado pela mãe. "A mãe era um refúgio de Mundo." (HATOUN, 2005, p.39). Entretanto, Jano desapoia o talento artístico do filho "O maior desejo dele é ser artista." (HATOUN, 2005, p.87). "É um equívoco", disse Jano, firme. "E eu queria estar vivo para presenciar o resultado desse equívoco." (HATOUN, 2005, p.87). "[...] Jano não se interessa por nada disso. Não pensa que o filho pode ser diferente dele." (HATOUN, 2005, p.64).

A narrativa é concluída com o desfecho da degradação familiar presente ao longo da obra. O desfecho revela, portanto, um final com consequências drásticas, principiando com a violência contra Ranulfo, e estendendo-se à destruição dos pertences de Mundo por Jano e, culminando com a morte deste. Após a morte de Jano, em 1973, Albino Palha engana Alícia na venda das propriedades, "aquele Palha me enganou: um corretor falou que ele vendeu minhas propriedades por menos do que valiam" (HATOUN, 2005, p. 289). Alícia e Mundo partem de Manaus. Ela fixa moradia no Rio de Janeiro e Mundo viaja para a Europa, onde permanece até 1978. Em suas cartas a Lavo, muitas vezes relata incidentes sem conexão. Deixando claro as dificuldades financeiras a que se submete, vivendo da venda de seus quadros e de trabalhos temporários:

> Minha mãe não imagina o que tenho feito para sobreviver, pensa que estou enriquecendo com a minha arte. Se soubesse que o herdeiro da Vila Amazônica virou um biscateiro [...]. Mas o que me deu um pouco de dinheiro foi um emprego de driver's mate no Wallpaper Center. Enquanto Adrian dirigia o caminhão, eu fazia uns trabalhos braçais, entregando papel de parede e latas de tinta no subúrbio de Londres e em cidades do Sul da Inglaterra. Horas e horas circulando num transito infernal: às vezes nossa jornada durava umas doze horas [...] (HATOUN, 2005, p. 245).

Durante muitos anos Mundo não enviou notícias a Lavo. Então um dia o correio entrega em sua casa um envelope lacrado com um recorte de jornal carioca dentro. A foto no jornal mostrava um "guerreiro esquálido, desgarrado no Rio de Janeiro. O índio revoltado se dizia filho da Lua e estava ali, nu, na boca do túnel, para festejar o ocaso do regime militar" (HATOUN, 2005, p.263). Mundo retornara da Europa para comemorar o desfecho da política

opressora, seu entusiasmo, no entanto, resultou em prisão e espancamento, porém, sob suborno os policiais o deixaram ir.

Pouco tempo depois deste incidente, Mundo vem a falecer de uma doença misteriosa. Em uma de suas cartas a Lavo ele declara: "Por pouco não contei que me sinto debilitado, com uma febre teimosa... A síncope me persegue, e também essas malditas bolhas com secreção, meu corpo inchando e inflamando..." " (HATOUN, 2005, p. 248). Ranulfo viaja até o Rio de Janeiro a fim de visitar o amigo. Ele é o encarregado de dar a notícia do falecimento de Mundo a Lavo: "Magro de dar dó. Quando morreu, era pouco mais que um esqueleto (p.267) ". Ele lamenta ainda o fato de não poder estar ao lado de seu protegido até o fim: " Mundo morreu seco, sozinho... Nos últimos dias não me deixaram entrar no quarto da clínica. " (HATOUN, 2005, p. 268) ". O tipo de doença não é diagnosticado, mas Macau também ficou sabendo "que Mundo morreu de doença feia. " (HATOUN, 2005, p.274).

É bem possível, portanto que Mundo tenha sido uma das vítimas da Síndrome que acabava de surgir, visto que sua morte ocorreu no ano de 1978, período em que ocorriam os primeiros casos da doença. O artista idealista e revolucionário que sonhava deixar o seu legado através de sua arte, têm a vida interrompida drasticamente, vítima da própria liberdade pela qual tanto lutara.

Quanto a Alícia, que se casara com o único intuito de abandonar a vida miserável que levava até então, desnorteando Ranulfo, seu amante desde a adolescência. Ela gastou toda a sua fortuna, deixada por Jano, em jogos e bebidas no Rio de Janeiro: "Ela e o filho gastaram a herança em poucos anos" (HATOUN, 2005, p. 264). Relatando a Lavo, Alícia afirma: "Agora só temos dinheiro para pagar as contas e comer [...]. A morte de meu filho, o jogo e a bebida me deixaram assim" (HATOUN, 2005, p. 288).

3 Considerações finais

As obras aqui analisadas, não são apenas obras fictícias, mas também uma representação histórica da realidade, escrita a partir de memórias e relatos das personagens. Os episódios e conflitos relatados encontram apoio no contexto histórico no qual o país, em determinado momento de sua história, encontrava-se mergulhado. Os dramas familiares e o anseio pela realização dos sonhos pessoais, relações de amores, traições, vinganças, perdão, desejos e decadência familiar permeiam não apenas as obras desse renomado escritor amazonense, mas também muitos outros clássicos, ou não, da literatura mundial. Talvez essas temáticas, mais especificamente o enfoque principal do presente artigo, esteja tão presente na literatura devido

ao fato de estar muito presente, também, em nosso cotidiano. Afinal, assistimos quase que diariamente casos de degradação familiar motivados por diversos motivos como vingança, ciúme, traições etc. Citemos, por exemplo, casos como o do pastor que teve a morte tramada e executada pelos próprios filhos; o caso da madrasta que tirou a vida de uma criança, sua enteada, por não aceitar que o pai da vítima, seu esposo, dividisse a atenção com os outros dois filhos do casal; a filha que, juntamente com o namorado, tramou e executou a morte dos pais motivada pelo desejo de se apropriar da herança familiar. Como podemos constatar, não são poucos os casos de degradação familiar que acabam servindo de inspiração literária para as mais diversas tramas, para os mais diversos escritores.

Milton Hatoum, como grande ficcionista que é, não poderia deixar de, seguindo o perfil dos outros grandes ficcionistas, contar histórias tão bem construídas, tão bem ilustradas a ponto de entrelaçar, em obras como as que aqui analisamos, ficção e realidade, afinal, *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte* estão entre as melhores obras no gênero romance e, como tais, são dignas de muito mais estudos, de muitas mais análises e de muitas mais leituras pelo público interessado e amante de boas histórias e amantes da boa literatura.

REFERÊNCIAS

ATAÍDE, Vicente de Paula. **A narrativa de Ficção**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. **A noite da espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco Narrativo.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1987**.**

MINAYO, Maria Cecilia de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.